



TRAJETÓRIAS DE SUJEITOS SOCIAIS NO MOVIMENTO DO TURISMO EM BARREIRINHAS: redefinições identitárias em circuitos de mutações

Irlene Menezes Graça¹

RESUMO: Barreirinhas, cenário onde se flagram mudanças intensas na vida de seus moradores, é um espaço ressignificado pelo *boom* do turismo que vivencia tempos de celeridade e fugacidade. Nesse contexto, investigo o segmento artesãs em suas trajetórias de vida, em tempos passados e nas rotas do turismo global/local. Nessa trajetória integrada por várias gerações de mulheres está em curso a produção de novos sentidos, e a construção, fragmentação e reconstrução de identidades do *ser artesã na "Barreirinhas do Turismo"*, em meio a dilemas, conquistas e disputas no mundo da moda de acessórios, nos mercados nacional e internacional.

Palavras-chave: cultura, identidade, turismo, Barreirinhas, artesanato, mercado.

ABSTRACT: Barreirinhas, scene where we can find intense changes in the lives of its inhabitants, is a space reframed by the boom of tourism that experiences times of fugacity. In this context, I research the segment of women called artisan in their life's course, in overpast times and in the global/local tourism's route. Inside this trajectory integrated by so many generations of artisan women is underway the production of new meanings and the construction, fragmentation and reconstruction of identities about being an artisan women in the "Barreirinhas of the tourism", in the middle of dilemmas, achievements and disputes present in the accessories' fashion world and in the national e international marts.

Key words: culture, identity, tourism, Barreirinhas, handiwork, market.

¹Doutora. Faculdade São Luís. E-mail: irlenemenezes@yahoo.com.br



1 INTRODUÇÃO

A cultura é produção, é criação em um contexto de relações sociais, perpassada por significações e sentidos, gestando modos de viver no mundo, demarcando “posições-de-sujeito”.² Assim, a cultura é, antes de tudo, interpelativa, produzindo subjetividades e identidades sempre em processo. Especificamente a cultura que se gesta em Barreirinhas-Ma., em processos vertiginosos de mudança, deflagrados pela expansão do turismo, interpela grupos, categorias e segmentos a redefinirem identidades, redimensionando posições-de-sujeito. Todo o esforço investigativo, ao longo da pesquisa, teve como fio condutor compreender a redefinição dos processos identitários que se circunscrevem nos percursos constitutivos da cultura do turismo em Barreirinhas, cidade considerada portal de entrada do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM).

Nessa análise das redefinições identitárias, temos como inspiração, a vertente da teoria cultural contemporânea, que argumenta e concebe que as “identidades modernas estão ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas”. (HALL, 2005, p.8) Segundo essa vertente contemporânea, a concepção de identidade como algo fixo e plenamente unificado não corresponde mais à realidade do mundo em que vivemos. Cabe sublinhar que o assumir dessa perspectiva analítica pressupõe desconstrução da visão tradicional de identidade que perpassa ainda o imaginário coletivo. De fato, na teoria social clássica, que se populariza no discurso do senso comum³, com frequência, a identidade é vista como algo fixo e imutável e, portanto, abrangendo reivindicações *essencialistas* sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com determinados grupos ou pessoas.

Em contraposição a essa perspectiva essencialista, assumimos como base de sustentação analítica, a concepção *estratégica e posicional* de identidade de Stuart Hall (2000). Tal concepção focaliza identidade na multiplicidade da sua construção, ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. (HALL, 2000) A

² Essa noção de “posições-de-sujeito” integra o universo conceitual de Stuart Hall circunscrevendo a interpelação da cultura no sentido de recrutar indivíduos ou grupos sociais a ocuparem determinadas posições, a se identificarem com determinados discursos, sujeitando-se a determinadas significações que os tornam o que se é. (BERNARDES; HOENISCH, 2003) Nessa perspectiva, assinala Hall que “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. (HALL, 2000, p. 112)

³ Em diversos momentos do trabalho de campo, moradores de Barreirinhas, em seus discursos, manifestavam essa visão essencialista de identidade com expressões do tipo: “estamos perdendo nossa identidade [...]”; “não podemos deixar que essas mudanças do turismo destruam nossa identidade. [...]”



rigor, Stuart Hall (2000) constitui uma ruptura com qualquer perspectiva fixa, permanente de identidade, configurando-a como *celebração móvel* que se firma e se transforma em resposta às provocações dos sistemas culturais. Essa concepção, na verdade, abre vias analíticas para se desvendar a construção de identidades nas trajetórias de sujeitos sociais no movimento do turismo em Barreirinhas-Ma.

2 ARTESÃS: categoria tradicional que se redefine nas rotas do turismo

As Artesãs encarnam, por excelência, o segmento social que vem passando por um processo intenso de mudanças identitárias nos circuitos do turismo em Barreirinhas. O exercício do artesanato pelas mulheres-artesãs em Barreirinhas significa uma forma de inserção no mundo, um modo de viver. De fato, ao longo de suas vidas, ao tecerem as fibras do buriti estão, também, a tecer identidades que se redefinem com o passar do tempo.

Recuperar a trajetória de vida dessas Artesãs é perceber uma multiplicidade de caminhos que, no tempo e no espaço, entrecruzam-se e interpenetram-se nas relações familiares, no trabalho da lavoura, na pesca artesanal e, mais recentemente, no experimentar da vida associativa que a lógica mercantil fez exigida (MENEZES GRAÇA, 2010, p. 340).

A “Barreirinhas do Turismo” assiste, no raiar do século XXI, ao espetáculo que asseguraria à mulher artesã o lugar de protagonista. O turismo fez-se marco de ruptura a delinear um novo momento, na história de Barreirinhas, deflagrando um circuito de mudanças com repercussões nos processos de construções identitárias do ser Artesã barreirinhense.

Os circuitos de intensas mudanças do turismo trouxeram profundas modificações, no exercício do ofício de artesã, gestando redefinições identitárias. Em verdade, essas “mulheres de fibra” – na bela metáfora, título de um trabalho com elas desenvolvido – têm suas vidas profundamente imbricadas com seu ofício de artesãs. Daí que delimitamos o “ser artesã” como base da construção de identidades múltiplas que estão intimamente articuladas em processos de hibridização ao longo das mudanças no exercício do ofício.

Assim, cabe indagar: quem foram as Artesãs de ontem? Quem são as Artesãs de hoje? Para onde suas identidades apontam? Que horizontes se avizinham para a arte e o



ofício que essas mãos tramam no curso dos tempos? Tais são as dimensões trabalhadas nos percursos da nossa investigação.

A trajetória de vida das artesãs de Barreirinhas tem uma origem comum: o artesanato constitui-se uma prática tradicional, transmitida de mãe para filha ainda no período da infância ou pré-adolescência.

A artesã de Barreirinhas, de cujos ventos outrora sopravam desenhando mudanças tão somente em seus lençóis de areia, recebia como herança o seu destino. A maioria, de origem rural, passou por um processo de iniciação doméstica, sob a influência e orientação de suas mães; com elas, aprendendo o ofício e a arte do “viver o feminino”: o cuidar da casa, do marido, dos filhos; a tarefa de auxiliar o pai, o marido na lavoura, na pesca ou na olaria; o tecer fibras do buriti como um fazer natural, entranhado na sua lida cotidiana, tão sem surpresas e poucas rupturas; o exercitar a paciência, a resignação para viver o papel secundário que lhe estava destinado.

Era um tempo “de muito tempo”, em um modo de viver e conviver de proximidades em comunidades rurais, marcado por dificuldades estruturais que agravavam as condições de existência: o isolamento da sede do município pela precariedade ou ausência de estradas; a falta de serviços de energia elétrica, de abastecimento d’água e gás de cozinha; a precariedade e inexistência de serviços públicos nas áreas da educação e saúde e de meios de comunicação.

E esse tempo, que corria lento, se fez veloz e exíguo, imposto por uma lógica de outro tempo: o tempo do capital, que chega, nas rotas do turismo, transformando, sem alternativa, os sujeitos e sua produção. De fato, o movimento desestabilizador do turismo atinge, de forma direta, a natureza do trabalho, alterando o padrão e o ritmo de produção, a configuração dos produtos, o processo de criação e modo de operar a comercialização. É o turismo a impor a mercantilização do artesanato, que perde a centralidade da criação nos contornos padronizados da mercadoria.

2.1 Ser Artesã na “Barreirinhas do Turismo”

A transformação do trabalho das artesãs, sob a égide da lógica mercantil, engendra novas formas de sociabilidade nas esferas privada e pública. A artesã sai das sombras do trabalho invisível para assumir o protagonismo peculiar do mercado; rompendo, de múltiplas formas, as fronteiras do local na dinâmica de inserção global. Na realidade, a



artesã consegue superar o jugo do atravessador pela inserção direta no mercado, via cooperativa. Nesse sentido, o cooperativismo encarna a lógica mercantil com a mediação institucional do Sebrae.

Hoje, no século XXI, nos fluxos turísticos, a produção artesanal da fibra do buriti é uma mercadoria que se difunde para o mundo pela sua originalidade e beleza, agora moldada para o mercado, sobretudo sob a forma de acessórios de moda. Assim, tem-se a articulação e a interpenetração de escalas nos circuitos da produção e da comercialização. As artesãs produzem no espaço local, mas transitam para o estadual, o regional e o nacional participando de feiras e eventos da moda e mantendo esquemas de comercialização direta, via cooperativa.

De fato, pela via do artesanato, tais mulheres têm conquistado posições e ampliado espaços no mercado, chegando a circuitos mercantis globais, vivenciando a experiência de inserção no glamoroso mundo da moda: é Barreirinhas conectada ao eixo Rio – São Paulo, e outros centros internacionais, por meio da *arte nas mãos*.⁴ É essa a materialização de um percurso envolvendo diferentes momentos, no sentido de garantir a inserção das artesãs na cadeia produtiva do turismo: construção da vida associativa; capacitação para o aperfeiçoamento do trabalho artesanal; estímulo e orientação ao processo criativo e a formação como gestoras e empreendedoras de pequenos negócios.

Nos percursos de reconfiguração da produção artesanal, com vistas a atender às demandas do mercado global, cabe destacar a intervenção técnico-artística do *designer* que, em oficinas de criatividade, efetiva um processo de interlocução com as artesãs, buscando garantir o exato equilíbrio entre a preservação das peculiaridades do artesanato maranhense e as exigências feitas pelo mercado no tangente à qualidade estética e funcional dos produtos. No caso específico das artesãs barreirinhenses, o trabalho do *designer* buscou um diferencial cultural-ecológico por meio do estímulo e orientação para a pesquisa de novos pigmentos na flora local, e no emprego de novos métodos na técnica de tingir os produtos, observando a demanda do mercado global por produtos “ecologicamente corretos”.

Nessa trajetória da mercantilização da arte, tem-se o envolvimento de mulheres artesãs de várias gerações: jovens entre 18 e 25 anos; um núcleo predominante de mulheres que se encontram na faixa de idade entre 26 e 45 anos; uma menor fração

⁴ Expressão carregada de significado simbólico e subjetividade do “ser artesã”, proferida por uma artesã durante entrevista realizada no povoado Marcelino, em junho de 2007.



formada por artesãs com mais de 60 anos. Portando experiências e vivências distintas que se articulam nesse empreendimento de fazer do artesanato uma via de produção para o mercado, esse segmento intergeracional de “mulheres de fibra” experimenta percursos e redefinições identitárias. Está em curso a produção de novos sentidos e identidades do *ser artesã na “Barreirinhas do Turismo”*.

Toda essa metamorfose do trabalho artesanal, gestada no discurso do empreendedorismo, da lógica mercantil, implicou em novas posições-de-sujeito. A rigor, “quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios”. (WOODWARD, 2000, p. 55) De fato, as Artesãs, nesse momento de reconhecimento e afirmação no mercado, conseguiram ter a produção do artesanato como atividade central a absorver todo o seu tempo, garantindo-lhes visibilidade e legitimação. É a inserção da mulher artesã no espaço público, impondo um redesenho do cenário doméstico. Efetiva-se, no espaço privado, uma desestabilização de padrões: de mera cuidadora dos entes da família, de zeladora do espaço do lar, de reprodutora de mão-de-obra a sujeito que, dia-a-dia, conquista autonomia e espaço na vida pública pela via da inserção e reconhecimento profissional.

Na medida em que a Artesã consolida essa posição, esse reconhecimento público, ela se vê posta diante de um dilema do qual não pode arredar: como conquistar cada vez mais espaço no mercado, sem que isso coloque em risco a preservação dos buritizais, não apenas por configurarem a fonte da matéria-prima de seu artesanato, mas, sobretudo, como forma de garantir a sustentabilidade do meio ambiente. Esse dilema tem permitido a essas Artesãs a tomada de consciência da necessidade do poder público de adotar medidas ambientais protecionistas.

2.2 Artesãs: na rota do empreendedorismo cooperativo e do padrão mercadológico

Qual o sentido de falar em empreendedorismo⁵ no trabalho artesanal? No item anterior afirmo que as artesãs de Barreirinhas produziam de forma isolada e seguindo um

⁵ O empreendedorismo tem sido abordado por uma vasta literatura; não havendo, entre as principais referências teóricas, uma única definição isenta de controvérsias. Ademais, houve um alargamento gradativo do conceito, extrapolando o campo econômico para a área social, política e institucional, nas quais o empreendedorismo veio a designar o exercício de um papel motor na implantação de projetos de interesse comum ou na

Cidade Universitária da Universidade Federal do Maranhão
CEP: 65 085 - 580, São Luís, Maranhão, Brasil
Fone(98) 3272-8666- 3272-8668



padrão tradicional que foi transmitido por suas mães. Um marco de ruptura com esse padrão inicia-se com a atuação do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Maranhão (Sebrae), junto às artesãs em Barreirinhas, simultaneamente ao aumento do fluxo turístico, com a abertura da estrada MA-402.

Como instituição de fomento às micro e pequenas empresas, inclusive cooperativas populares, a presença do Sebrae em Barreirinhas tem como razão estratégica a posição que o município ocupa, como um dos principais destinos turísticos do Maranhão, ao integrar a região dos Lençóis Maranhenses. Nesse sentido, o Sebrae/Maranhão, desde 2000, passou a constituir-se parceiro institucional do Governo do Estado, no contexto do Plano de Desenvolvimento Integral do Turismo no Maranhão: Plano Maior (MARANHÃO, 2000), que contempla essa região com uma proposta específica, fundamentada no princípio da sustentabilidade. (FERREIRA, 2003)

Nesse processo, a atuação do Sebrae, junto às artesãs em Barreirinhas deu-se de forma articulada com o Sebrae-Nacional e a Agência de Promoção de Exportações (Apex),⁶ por meio do Projeto Setorial Integrado (PSI). Tal projeto tem como foco central “estruturar o artesanato como atividade econômica” e, ao mesmo tempo, visa a obter “recursos para fomentar a exportação de produtos artesanais maranhenses, inseridos num contexto de valorização do próprio artesanato brasileiro, estimulado pela Apex e seus parceiros”. (FERREIRA, 2003, p.4).

Na verdade, o Sebrae, de forma estratégica, atingiu pontos-chave nesse trabalho junto às artesãs; gestando, simultaneamente, um processo de mudança de mentalidade mediante o estímulo ao espírito associativo e à capacitação para “gerenciar negócios”. Nesse sentido, realizou “oficinas de conscientização, focadas no empreendedorismo, onde seriam evidenciadas ainda noções básicas quanto ao gerenciamento de um pequeno negócio, formar preços, calcular margem de lucro e planejar o

reconfiguração das instituições.(FERREIRA, 2005 apud GAIGER, 2008, p.59) Nesse sentido, tem se constituído um tema central no âmbito da discussão sobre programas de políticas públicas para formação de cooperativas populares no Brasil. Afirma Gaiger que “a dimensão empreendedora é indissociável da dimensão solidária dos empreendimentos. Isto significa que a união e a inteligência coletiva dos trabalhadores são mobilizadas como recursos fundamentais para que os empreendimentos lidem com a realidade contingente e logrem sua sobrevivência gerando benefícios às pessoas neles implicadas. [...] Nesse contexto, o empreendedorismo diz respeito à liderança e à gestão econômicas capazes de produzir os resultados econômicos e as satisfações extra-econômicas intrínsecas aos empreendimentos. (GAIGER, 2008, p. 62)

⁶ Apex – Órgão do Governo Federal vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. No Estado do Maranhão, sua atuação visa, de modo geral, à organização, desenvolvimento e consolidação dos núcleos produtores de artesanato existentes em São Luís e nos municípios de Barreirinhas e Tutóia (região dos Lençóis Maranhenses).



crescimento”. (SEBRAE, 2003, p.5) Tais dimensões constituem os pilares da metodologia interventiva do trabalho com as artesãs.

3 CONCLUSÃO

Inegavelmente, o turismo em Barreirinhas deflagra um movimento que desestabiliza e subverte a ordem estabelecida, gestando mudanças céleres na produção da vida social, em valores e tradições, no imaginário coletivo, em escalas de tempo–espaço, nos padrões de sociabilidade, nas formas de inserção social. Desse modo, constrói discursos e práticas que estão sempre a interpelar, a recrutar sujeitos sociais para assumirem novas posições na cena barreirinhense contemporânea.

Nesse cenário de metamorfoses, movimentam-se sujeitos em processos de redefinição de identidades que se articulam e se interpenetram em dinâmicas de hibridização. No percurso investigativo, direcionamos o olhar para o segmento artesãs a encarnarem diferentes posições-de-sujeito, na condição de categoria tradicional a se redefinir e se afirmar nas rotas turísticas ultrapassando fronteiras para difundir, sob a forma de mercadoria, a sua arte de tecer fibras.

A rigor, são posições de sujeitos sociais específicos, ante o movimento do turismo, a desestabilizarem conexões de tempo e espaço, recriando-as na lógica do capital que se materializa de distintas formas. Sob esse enfoque, a pesquisa permitiu-me perceber e demarcar “posições-de-sujeito” circunscritas nas práticas discursivas das instituições que definem e executam a política de turismo e das mulheres integrantes do segmento artesãs. Em suas narrativas individuais e coletivas, configuram uma posição: reapropriam-se de sua atividade tradicional do artesanato e, assim, ressignificam seu trabalho e suas vidas, a partir das transformações do movimento do turismo, redefinindo suas identidades na dinâmica global–local.

A Barreirinhas que se movimenta celeremente no ritmo das mudanças gestou uma cultura do turismo que, a cada temporada, consolida-se efetivando as conexões do local-global. Desse modo, instaura-se e ganha força a lógica da mercantilização a impor novos padrões de sociabilidade que materializam valores, discursos e práticas que dão os contornos de um novo tempo.



REFERÊNCIAS

FERREIRA, Paula W. B.; SERRA, Maria do P. S. D. C. Buriti: a jóia dos Lençóis Maranhenses. In: SEBRAE. Histórias de Sucesso – Experiências Empreendedoras. Edição 2003. Disponível em: <www.sebrae/historiasdesucesso.com.br>. Acesso em: 10 dezembro 2009.

_____. Projeto Talentos do Brasil, 2008. Disponível em: www.sebrae.com.br. Acesso em: 21 janeiro 2009.

GAIGER, Luiz I. A dimensão empreendedora da economia solidária: notas para um debate necessário. In: Outra Economia – Volumen II – Nº 3 – 2º semestre/2008. Disponível em: <www.riless.or/otraeconomia>. Acesso em: 20 dezembro 2009.

Governo do Estado do Maranhão. Gerência de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. Subgerência de Turismo. (2000) *Plano de Desenvolvimento Integral do Turismo no Maranhão: Plano Maior*. São Luís: GEPLAN, 50 p.

HALL, Stuart. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, p.15.46, jul. /dez, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da S. (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. (2005). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A Editora. ISBN 857490-336-1.

MENEZES GRAÇA, Irlene. Barreirinhas em tempo de mudança: reconstrução de identidades nas rotas do turismo. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, 2010. 371p.:Tese (Doutorado em Cultura), Universidade de Aveiro, 2010.

RIBEIRO, Samme. Fibra do buriti se destaca em evento de moda em Brasília. 2008. Disponível em: <<http://asn.interjornal.com.br/noticia.kmf?noticia =7112332& canal =201>>. Acesso em: 02 setembro 2009.

WOODWARD, Kathryn. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.